

## Políticas Públicas de Educação: é preciso formar o sujeito crítico, mas como formá-lo?

Edileine Vieira Machado<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo apresentar possíveis caminhos para a formação do sujeito crítico. Parte-se do pressuposto de que educadores e educandos precisam compreender a importância do pensamento filosófico, para poder expor um juízo sobre a realidade com liberdade. Referenciais teóricos, como: ALLES BELLO (2006); LAUAND (2006; 1987); PIEPER (2007); SILVA (2010), TUROLO GARCIA (1987) é que deram sustentação a esse artigo. Há necessidade dos formuladores de políticas públicas de formação de professores repensarem sobre o que já existe proclamado e ter claro quem realmente eles querem (ou não) formar. Um caminho para a formação do sujeito crítico é resgatar a prática do pensamento filosófico. Para isso a fenomenologia contribui bastante, pois para o sujeito compreender o objeto em estudo, necessariamente precisa atribuir-lhe um juízo, de maneira séria, ponderadamente, realizado com um método.

**Palavras Chave:** Políticas Públicas de Educação; formação de sujeitos críticos; pensamento filosófico; educação; situação educativa.

**Abstract:** This article aims to present possible ways for the formation of a critical person, which requires that teachers and students need to understand the importance of philosophical thought, in order to make judgements about reality with freedom. Theoretical references are ALLES BELLO (2006); Lauand (2006, 1987); PIEPER (2007); SILVA (2010), TUROLO GARCIA (1987). Public policies should include philosophical thought in teacher education.

**Keywords:** public policies of education. teacher education. Phenomenology. Philosophy.

Esse artigo é produto da pesquisa *Contribuições do método fenomenológico para a compreensão dos processos inclusivos*<sup>2</sup> da autora, pois a falta de sujeitos protagônicos no ambiente escolar é evidenciada no decorrer da investigação.

É comum em instituições educacionais encontrar educandos com pouca concentração nas aulas, falta de interesse pela leitura. Por outro lado, escuta-se de Educadores que educandos de hoje não têm vontade de estudar, só pensam em internet, facebook, videogames... Em outras palavras, frente à democratização da Educação e à evolução do nosso tempo, emerge também a necessidade da instituição educacional posicionar-se diante dos desafios educativos, a ela posta. A importância desses desafios fica clara diante da complexidade social, cultural e religiosa em que os jovens crescem e, por essas, são influenciados. Dessa realidade, manifestam-se fenômenos já mencionados e também, pode-se acrescentar, o que se refere ao desinteresse pelas verdades fundamentais da vida humana: o relativismo moral, utilitarismo, individualismo que cada vez mais se faz presente na sociedade. Também pode-se destacar os fenômenos da aplicação das novas tecnologias no campo da informação que estão cada vez mais presentes no dia-a-dia e nos percursos formativos das pessoas. Além disso, aumenta a diversidade, a multiculturalidade no mesmo território com relativas consequências concernentes à integração.

Em uma sociedade que reúne pessoas com diferentes e contrastantes modos de agir, de pensar e interpretar o mundo e a vida, faz com que os jovens encontrem-se diante de diferentes valores cada vez mais estimulantes, mas também não adotados por todos os jovens.

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo (Unicid); Pós-doutoranda do Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche/ Università Lateranense – Roma- Itália; Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Inclusão Social (NEPIS); Membro da Rede Internacional de Pesquisadores de Estudos Humanísticos – RIPEHum.

<sup>2</sup> Pesquisa (em andamento) financiada pela FAPESP, processo no. 12/50681-1.

Nesse contexto é imprescindível repensar a educação, para que se possa propor um percurso formativo que não se limite à fruição individualista e instrumental de um serviço apenas em vista de um certificado, de diploma que deve ser obtido. Para isso, é preciso que os educandos façam uma experiência junto com seus educadores de parceria, em que os dois lados sintam-se sujeitos protagonistas do processo educativo que estão construindo e vivendo juntos.

Há necessidade, então, de que os educadores tenham também a habilidade de despertar o desejo dos alunos para a busca da verdade e do sentido de sua existência, da compreensão do que lhe é proposto na sua essência, tendo claro a importância da proposta e o sentido para sua própria vida. Só assim o educando e professor estarão caminhando juntos rumo à formação integral. Por isso, é indispensável o educador conquistar a adesão voluntária dos educandos em suas propostas de situação educativa.

A experiência da autora como Professora de curso de Formação de Professores e do Programa de Mestrado em Educação, tem mostrado que não é só na educação básica que se faz presente a falta de sujeitos protagonistas, mas também no Ensino Superior. Disso resulta a falta do sujeito crítico, pois se não tem interesse, não estuda, não se envolve, nem se aprofunda, como pode ter argumento que sustente uma discussão, uma reflexão? Como pode realizar uma leitura com olhar crítico se nunca parou para pensar em perguntas básicas para a felicidade do ser humano: quem sou eu? O que eu penso sobre a realidade? No que eu acredito de fato?

Se não faz essas perguntas a si mesmo, como pode se posicionar, se sentir sujeito da situação? Como pode praticar a liberdade, realmente, se não tem argumento firme para se posicionar e com consciência dizer sim ou dizer não diante da realidade?

Fazer o que quer, sem ter consciência das consequências da sua própria escolha não é sinônimo de liberdade, mas de alienação.

A bibliografia aqui utilizada sustenta a afirmação de que um caminho para a formação do sujeito crítico é a prática do pensamento filosófico, por este permitir a compreensão do sentido, do significado da realidade na sua totalidade: a relação do eu, o outro e o mundo. O pensamento filosófico admite o debate, discussões e apresenta três características:

- a) Radical: busca a raiz, a essência da realidade (Ex.: Ser sujeito crítico)
- b) Global: leva em conta todos os fatores (Ex.: fatores antropológicos, gnosiológicos, políticos, sociais, o que precisa saber para ser sujeito crítico)
- c) Rigoroso: é possível que outra pessoa enxergue e realize o mesmo percurso percorrido e comprovar tal resultado, a afirmação, que seja validado por outro juiz.

Para melhor compreensão da prática do pensamento filosófico, procurar-se-á apresentá-la, praticando-a durante a exposição deste artigo.

O pensamento filosófico ajuda a autora a construir o mapa mental para a abordagem do tema em estudo e, ainda, ao leitor, a acompanhar todo o percurso das reflexões que serão expostas a seguir.

Inicia-se com o resgate da missão da Universidade que é a formação do homem por inteiro, enquanto ser inteligente, sensível e espiritual. O que significa a compreensão do mundo que o rodeia e o seu papel na existência. Portanto, ela deve formar primeiro o sujeito, sua relação com o mundo de trabalho para depois introduzir técnicas e práticas pedagógicas.

Existem estudos sobre ações governamentais que evidenciam a busca de forma imediata para resolução de um problema de educação e, então, investem milhões de reais em programas para ensinar técnicas, e o resultado não tem sido satisfatório. O que vem ao encontro de nossas experiências que evidenciam a

necessidade do profissional da educação, o resgate da identidade do Ser Professor, para depois ensinar métodos e técnicas de ensino. Só assim, ele acreditará numa proposta de formação, só assim, ele convencerá seu aluno para a adesão voluntária numa proposta de situação educativa, pois o que ele propõe a ensinar tem um significado para vida e, conseqüentemente, terá argumentos para conquistar seu aluno e dizer da importância do que lhe é proposto a aprender.

Em alguns cursos e graduação de Formação de Professores, preocupados em formar o profissional “super” especializado se esquece de formar primeiro este profissional que se relacionará com seus alunos. Esquecem de que esse futuro profissional da Educação precisa ter claro quais são suas responsabilidades, o seu verdadeiro papel, sua missão e saber responder se está mesmo disposto a assumir a tal compromisso.

O ensino com significado é um ensino que dura por toda a vida, tira o educando da situação de depósito de informações, da necessidade de decorar textos para passar de ano, para um sujeito crítico, que sabe ler a realidade, é protagonista, se sente protagonista da sua própria história e do país. Conseqüentemente, desse modo, estaremos formando sujeitos que sabem praticar sua cidadania com consciência, conforme o currículo de Ensino de Filosofia do Ensino Médio do Estado de São Paulo, que apresenta como uma das habilidades a ser desenvolvida nos alunos, por meio dessa disciplina. Isso vale também para os cursos de Formação de Professores.

Acreditamos na necessidade de se formar o sujeito-professor, ele, enquanto protagonista, que tem voz e o direito garantido pela própria Constituição Federal do Brasil, o direito da pluralidade de ensino, conforme a demanda de sua realidade.

Nessa linha de pensamento, o pensamento filosófico, ajuda a pensarmos sobre como propor cursos de Formação de Professores, uma política de formação.

Se o pensamento filosófico ajuda a compreender a relação entre o eu, o outro e o mundo, como dito anteriormente, nesse sentido, contribui para a construção do mapa mental dessa discussão do tema em questão e vai demonstrando *um método de formação de formadores de sujeitos críticos*.

Iniciamos então, pela compreensão do “eu”: quem sou eu? (enquanto futuro Educador), na busca da compreensão da realidade, essa pergunta que a princípio causa espanto, nos remete para outros questionamentos, até chegar à verdade. “Quem sou eu”, vem acompanhado de outras questões para a compreensão da relação com o outro e sua própria existência no mundo: “quem eu quero formar?”; “Como eu vejo esse aluno que quero formar?” (a visão de homem); “Qual a minha missão?”; Meu comprometimento enquanto Educador? Todos esses questionamentos são de extrema importância ao se pensar em Formação de Professores, porque já nessa prática do pensamento filosófico está sendo ensinada e praticada a primeira atitude filosófica que é do espanto e, a partir daí, iniciar a busca de uma resposta, da verdade.

Esse exercício, do ato filosófico, permite a construção da identidade do Educador e já, de antemão, repensar até mesmo a sua escolha profissional, por tornar claro qual a sua visão de homem e o significado desse trabalho para sua vida. E o homem por natureza, está sempre em busca da vida, da felicidade e é no trabalho que ele passa o maior tempo de sua vida. Se esse trabalho não tem significado para a vida dele, ele experimentará a morte ôntica e, com isso, sua infelicidade, seu insucesso na profissão, seu descomprometimento...

O **ato de filosofar** contribui para a formação do sujeito protagonista, para a construção de sua identidade enquanto educador e também para sua formação cultural, porque pode-se ir sistematizando o pensamento e abordando os seguintes aspectos: ôntico, gnosiológico, ético, estético e político, fazendo com que o educador tenha uma

formação cultural, inserida na sua realidade, lendo sua realidade, levando em conta os aspectos históricos, sociológicos, políticos, econômicos...

Por meio do ato de filosofar também pode se apresentar o percurso histórico dos filósofos, identificar a pergunta que gerou o espanto e, depois, seu desdobramento em questionamentos, destacar que a prática do filosofar não permite medo de não encontrar respostas, pelo contrário, é ter a coragem de “se arriscar nos abismos da realidade que um leigo não é capaz de enxergar”.

Para trabalhar com a formação de sujeito crítico, faz-se necessário o formador arriscar-se. Um exemplo, é buscar estratégias para que se vá identificando todo o percurso de um determinado autor em estudo e seus desdobramentos, suas influências na história, na política, na academia... O caminho que pode ser utilizado para essa prática é o método fenomenológico para se compreender a manifestação do fenômeno por meio da redução eidética e, então, transcender.

A fenomenologia é o estudo da manifestação do fenômeno, daquilo que se mostra. Alles Bello (2006), diz que o caminho, de acordo com Husserl, para se estudar o que se manifesta entre nós, é constituído por duas etapas: a busca do sentido das coisas (a essência) e como é o sujeito que busca o sentido das coisas.

O estudo do fenômeno se dá por meio da redução eidética que permite a compreensão do significado do fenômeno e, mais, para que serve esse processo com significado na sua própria vida. Esse método permite sair da *atitude natural* e chegar à essência do fenômeno, por meio das percepções, da intuição e, para não deixar cair no erro de apenas descrever um fato psicológico. Permite, ainda, conectar o “eu penso” ao “objeto de pensamento”, o *ego cogito cogitatum*.

As políticas públicas de educação são respostas que o governo dá às demandas sociais consideradas coletivas. Por isso, também quando se pensa em *formação de sujeito crítico* é importante ter claro a política da instituição ou da organização escolar para que possamos compreender tal proposta e sermos também sujeitos dessa política e não meros cumpridores de tarefa, pois a relação do poder e do trabalho tem influência na organização escolar. É o pensamento filosófico, mais uma vez que ajudará na compreensão dessa dimensão política, de quem realmente se quer formar e, então, sair do sendo comum, ter argumentos para se propor uma mudança de realidade.

Pensar em formação de sujeito crítico também nos remete a pensar que esse profissional também precisa ser Pesquisador, conforme documentos e referenciais pedagógicos sugerem e destacam a importância de ser Professor/Pesquisador. Compreendemos Pesquisa como a marcha do conhecido para o desconhecido e o pensamento filosófico também é de extrema importância para a formação do Pesquisador e para a definição de um objeto de pesquisa. Porque é esse que permitirá, num primeiro momento identificar a relação sujeito e objeto e, a partir daí, definir o problema de pesquisa.

Para se pensar na formação do sujeito crítico é importante também levar em conta o sentido do trabalho humano, qual o sentido de ser educador na minha vida, a questão da dignidade do trabalho humano, da responsabilidade quando se assume um trabalho, no que eu posso contribuir, influenciar para a mudança de realidade. E ir caminhando para a compreensão de como eu vejo meu educando, a visão de homem que eu tenho, pois isso é importante para ter uma educação que se preocupa com a formação integral do sujeito, com significado.

**Trabalho humano** é compreendido aqui como uma dimensão fundamental da existência. O trabalho humano constitui uma dimensão subjetiva que refere-se à perspectiva de cada pessoa e de uma dimensão objetiva que são as condições do trabalho. Por isso, a importância de se ter esse conceito claro, de levar em conta essa atividade e tê-la como uma ação que merece todo cuidado, atenção quando se busca melhor qualida-

de de vida. O trabalho deve ser visto como atividade para o homem, isto é, ele deve se sentir protagonista da atividade que realiza, ser valorizado, engrandecido por meio do seu regime de trabalho e não ao contrário, o trabalho como uma atividade de produção e o trabalhador como mero tarefeiro, que reduz o homem a instrumento da produtividade. Quando um educador tem claro o sentido do trabalho humano para sua própria vida, que lhe dá dignidade, sente-se sujeito que dá vida à instituição em que trabalha e tem condições saudáveis de trabalho, esse pode produzir uma educação de qualidade para o educando, pode contribuir de fato para a efetivação de melhoria da qualidade de ensino.

Entende-se por formação integral do sujeito aquela que possibilita ao educando a busca pela verdade, compreender a essência do que lhe é ensinado e o sentido dessa para sua própria vida e, ainda, que seja capaz de conviver com outras pessoas, de construir juntos (educador e educandos) seus conhecimentos e de partilhá-los.

O educador precisa ser formado enquanto sujeito capaz de elaborar uma crítica pessoal diante da vida, de um *Weltanschauung* consciente de si mesma. Para isso, se se quer uma formação de sujeito crítico, é importante a valorização e a criação de oportunidade de diálogo permanente entre o educador e educando para que juntos busquem a totalidade.

Tratando da formação dos educadores, Aparecida Turolo Garcia (1987) destaca que "só a pessoa verdadeiramente formada pode formar" e que toda obra formativa deve ser sustentada pelo amor que se manifesta também nas percepções e que não pode ser substituído pelo medo. O meio formativo mais eficaz não é a instrução, mas o exemplo vivo.

A universidade realizando o *universitas* também está contribuindo para a formação do sujeito crítico. Essa instituição, de modo específico e singular, está relacionada com a totalidade do real, com o mundo como um todo.

A educação, a formação do homem, só ocorre se for proporcionado o *confronto* com o todo do existente, com o todo do real. Um outro aspecto muito importante que o formador deve salientar para seus educandos é que não é a ciência que faz a universidade ser universidade, mas a resoluta orientação do pensamento para o *universum*, para a unidade do conjunto do real, o decidido e persistente esforço de abertura para o todo que, desde sempre tem sido designado e entendido como filosofar.

Ciências são conhecimentos setoriais que emergem de enunciados especializados – visão fragmentada de uma parte do todo, mas é importante, um “progresso”, desenvolve a objetividade do pensamento com relação à realidade, à disciplina e à sobriedade.

O ato filosófico exige do homem o envolver-se com o problema, ir ao cerne do problema e descobrir o seu verdadeiro sentido. É se permitir a questão do sentido da vida, da morte, da imortalidade, da liberdade...

Um outro método para se praticar o ato de filosofar e ir, na prática, contribuindo para a formação do sujeito crítico, é a *disputatio* – prática do diálogo em que se considera a temática sob um ângulo universal, pois não recusa nenhum argumento e nenhum contendor.

Não podemos esquecer de que a Universidade se realiza, sobretudo, no espírito do sujeito singular, que falando, ou ouvindo, participa do diálogo plural das disciplinas e isso precisa ser resgatado muitas vezes, é este diálogo que vai contribuir para a formação desse sujeito crítico, que pratica a cidadania, protagonista, que não se deixa enganar e ser levado pelo senso comum.

Aqui fica uma reflexão: quantas vezes experimentamos *disputatio* na universidade? A experiência de diálogo estabelecido entre o Professor e os

universitários a fim de aprofundar na compreensão da essência, do ser, do conhecimento ontológico e, a partir deste, a abertura para o todo, para sua relação com a realidade que a rodeia, com o mundo da qual faz parte?

Após essas reflexões, apresentamos dois constructos organizadores do campo da Formação de Professores que também são importantes para a sua formação e atuação, antes de se aprender um método:

**Educação:** de um modo bem simples, se dá por meio da relação professor-aluno e pode-se afirmar que ela só ocorre quando o Professor é capaz de levar o educando de um ponto ao outro. E a Educação se dá por meio de uma situação educativa.

**Situação Educativa:** a situação educativa se constitui de três pontos: A, C e B. O ponto A é o ponto de partida, onde devemos levar em conta os aspectos antropológicos, gnosiológicos, psicológicos, culturais, sociais, conforme ilustrado já no início do artigo. É importante ter claro qual a visão de homem que temos de nossos educandos, ou futuros educandos: é uma visão individualista? Ou de um ser de relações? O sentido, a compreensão da nossa vida, da nossa existência, se dá por meio das relações que se estabelecem. Não somos capazes de viver sozinhos, precisamos do outro para nos relacionar, até mesmo para comentar sobre a situação climática (vai chover, faz frio...) e se paramos para pensar a respeito da nossa condição humana quando nascemos, confirmamos essa necessidade do outro na minha vida, pois se um adulto não dá o alimento, a criança morre de fome, porque não é capaz de se alimentar sozinha naquele momento. Da mesma forma é um adulto, quando fica acamado e necessariamente precisa do outro para cuidar, assistir e ajudá-lo. O aspecto gnosiológico também é importante para o educador, pois ele precisa saber como o educando aprende e como ele ensina – como lhe é ensinado em casa. Esse conhecimento o ajudará na escolha de estratégias de ensino também quando seu educando tiver alguma dificuldade de aprendizagem. Os aspectos psicológicos do educando: se ele é tímido não gosta de se expor na sala de aula, mas fica sempre atento, ou se ele está com algum problema familiar que está interferindo na sua vida escolar. Como é a realidade em que vive, do que gosta de fazer, de praticar, de ler? O que tem de diversão em sua comunidade? Gosta de estudar, de ler, de assistir à televisão, ficar conectado nas redes sociais ou de jogar videogame? Todas essas são informações importantíssimas para o educador poder definir o ponto B, onde ele quer chegar para, depois, escolher o ponto C, o caminho, o método mais adequado para aquela realidade. Mesmo tendo claro o que é e fazendo uma proposta de situação educativa, levando em conta os três pontos expostos, isso não garante a aprendizagem, existe um fator ainda, imprescindível, que é a adesão livre e consciente do educando à situação educativa proposta.

O educando tem o direito de dizer sim e de dizer não, e o Professor precisa saber ouvir seus argumentos, levá-los em conta e, se necessário mudar o método, a estratégia da aula proposta. Só assim o aluno se sentirá sujeito do processo ensino-aprendizagem, ele será protagonista, assim como o educador e, dessa forma, ocorrerá a compreensão, a aprendizagem com significado, para a vida do educando.

Para finalizar este artigo, não poderia deixar de destacar a importância da liberdade do filosofar na formação do sujeito crítico, por está ligada ao caráter teórico do filosofar.

A liberdade do filosofar diferencia-se das ciências particulares por não sofrer qualquer sujeição de fins e, por não se preocupar com a resposta do “para que” e a “fim de que”.

## Referências

ALES BELLO, A. **Introdução à fenomenologia**. Trad. Aparecida Turolo Garcia; Miguel Mahfoud. Bauru: EDUSC, 2006.

LAUAND, Jean. Sete Conferências sobre Tomás de Aquino, São Paulo, ESDC, 2006. São Paulo : ESDC, 2006.

\_\_\_\_\_. O que é uma Universidade. S. Paulo: Perspectiva-Ed, 1987.

PIEPER, Josef. Que é Filosofar? São Paulo. Ed. Loyola. 2007.

TUROLO GARCIA, Aparecida. **Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana**. São Paulo: Loyola, 1987.

SILVA, Jair Militão. Emergência Educativa. **International Studies On Law And Education**, 2010, pp. 23-28.

Recebido para publicação em 13-10-13; aceito em 15-11-13